

Para Greenspan, situação do Brasil continua incerta

Presidente do Fed diz que autoridades precisam restaurar a confiança e conter a inflação

PAULO SOTERO
Correspondente

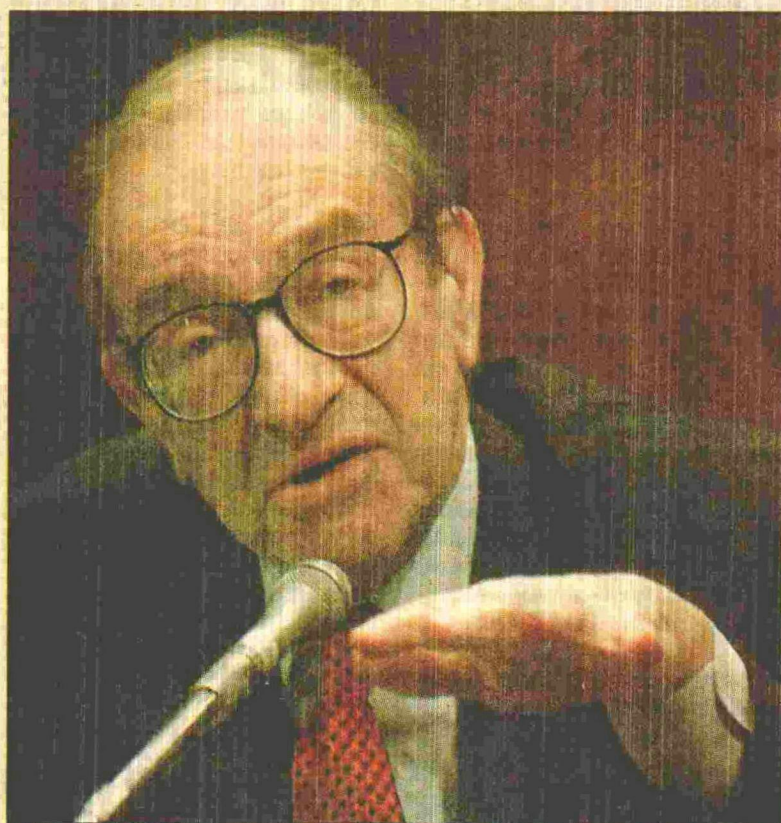
WASHINGTON – O presidente do Federal Reserve Board (Fed, o banco central norte-americano), Alan Greenspan, afirmou ontem que a situação do Brasil continua “incerta” e as “autoridades brasileiras precisam caminhar por uma trilha estreita e difícil para restaurar a confiança e conter a inflação enquanto tratam dos sérios desequilíbrios fiscais” do País. Mas ressaltou que os responsáveis pela política econômica no Brasil “estão agudamente conscientes” da situação e previu um desfecho positivo.

“As pessoas lá (no Brasil) são bastante competentes, conhecem bem e compreendem a questão com a qual estão lidando, estão trabalhando nela e desejo-lhes sorte”, disse Greenspan, depois de notar que o real estava em queda pronunciada até o início de sua apresentação aos senadores. “Suspeito que, no fim, vamos ver que o Brasil é uma economia formidável.”

O presidente do Fed disse também que, embora “seja muito cedo para presumir que o contágio (das crises financeiras) tenha ficado para trás, ele é claramente menor” hoje. Referindo-se à capacidade demonstrada pela Argentina, o país mais diretamente afetado pela crise brasileira, de voltar a levantar dinheiro no mercado, Greenspan enfatizou que se observa “maior grau de sofisticação no sistema financeiro internacional na forma de proteger-se dos problemas de contágio”.

A avaliação resume a cautela com que o governo americano e os organismos financeiros vêem hoje a situação brasileira. O presidente do Fed manifestou-se sobre a crise de credibilidade que o País enfrenta em dois momentos de seu depoimento semestral ao Congresso americano sobre as perspectivas da economia dos EUA.

Ele fez a primeira menção extensa sobre o Brasil, no texto de sua apresentação inicial aos membros da Comissão de Finanças do Senado, para explicar que, embora o panorama doméstico da economia americana permaneça favorável, a situação é menos clara fora dos EUA. Greenspan disse que as reformas estruturais na Tailândia e Coreia do Sul, no quadro de progra-



Alan Greenspan: preocupações consideráveis sobre o impacto da crise

AUTORIDADE DISSE QUE O GOVERNO É COMPETENTE

mas de estabilização negociados com o Fundo Monetário Internacional (FMI), estão produzindo resultados. “A situação em outras economias emergentes não são tão encorajadoras”, continuou Greenspan.

O presidente do BC americano observou que o período prolongado que o Brasil deixou que seus problemas persistissem “permitiu a uma parte substancial daqueles que tinham compromissos temporários no Brasil, tivessem essas relações com o governo ou o setor privado, buscar proteção (em papéis indexados) ou a deixar (créditos) vencer (e não renová-los)”. Em consequência, por causa da duração da crise, os (investidores) que ficaram no Brasil são, obviamente, aqueles com compromissos de longo prazo, instituições financeiras com laços sólidos dentro do sistema financeiro brasileiro e companhias com laços de longo prazo” no País.

Assim, continuou Greenspan, “quando a moeda brasileira caiu fortemente, em vez de vermos um efeito de contágio dramático na Argentina e no México, o que vimos foi o peso mexicano cair no primeiro dia, mas desde então recuperar toda a perda e, na realidade, estar hoje mais al-

FED PREVÊ CRESCIMENTO DE ATÉ 3% NOS EUA ESTE ANO

to”. Sobre a Argentina, o presidente do Fed repetiu o argumento do ministro da Economia, Roque Fernández, que destacou a capacidade demonstrada pelo país para retornar ao mercado em apenas três semanas, em lugar dos meses de ostracismo financeiro que o país experimentou em crises passadas.

Os EUA, o maior mercado para as exportações brasileiras, contribuirão para o sucesso dos esforços do País para superar a crise, prolongando aquela que já é sua mais prolongada expansão econômica em tempos de paz. O Fed prevê um crescimento de 2,5% a 3% do PIB dos EUA este ano, menor que em 1998, com uma inflação de 2% a 2,5%, maior que a de 98. Mas Greenspan deixou claro que há riscos crescentes no panorama econômico dos

EUA no médio prazo – mercado de ações supervalorizado, pleno emprego, criando pressões inflacionárias, aumento dos déficits comerciais e de conta corrente – e não afastou a possibilidade de, ainda este ano, o

Fed dar um aperto na taxa de juros, que está em 4,75%, depois de três cortes consecutivos de 0,25% a partir de novembro. Essa perspectiva confirma que o Brasil tem um período relativamente curto para completar as reformas fiscais e sair da crise antes de sofrer mais um solavanco externo.

■ Mais informações nas páginas 4 e 8

